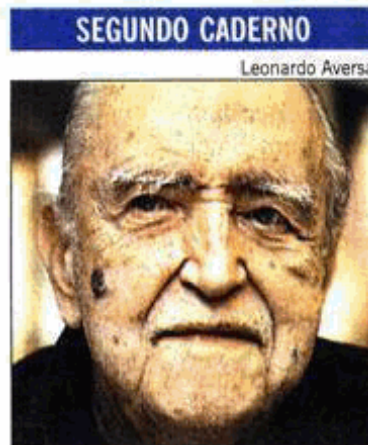


Oscar Niemeyer a galope



Oscar Niemeyer critica a 'burrice geral'



Arquiteto termina livro, critica 'burrice geral' e fala do projeto cultural Cavalgada do Centenário

Oscar Niemeyer a galope

Logomarca criada pelo arquiteto para a marcha cultural que vai distribuir mais de 12 mil livros

Oscar Niemeyer a galope

Mauro Ventura

Oscar Niemeyer diz, a sério, sem qualquer traço de gozação na voz: — Um dia assisti a uma coisa que me perturbou muito. Duas mulheres louras estavam conversando e uma disse para outra: “Você já leu Eça de Queiroz?”. A outra respondeu: “É filho da Rachel de Queiroz?”.

Niemeyer conta a história para criticar o despreparo atual. Ele tem feito sua parte para combater o atraso: terminou um livro sobre a importância da leitura, banca a faculdade de um funcionário em troca de debaterem uma obra a cada dois meses e, por fim, deu seu aval à Cavalgada do Centenário, única homenagem aos seus cem anos em que ele está envolvido.

Foram duas as razões que levaram Niemeyer a apoiar a marcha, que vai dar origem a um livro e a um DVD. Em primeiro lugar, a presença do neto Carlos Oscar, de 42 anos, à frente do projeto. E, depois, o caráter cultural da iniciativa. A partir das 8h do próximo dia 28, 16 cavaleiros partem de Goianá, em Minas Gerais, rumo a Barretos, em São Paulo. Durante os 750 quilômetros de percurso, a serem percorridos em 18 dias, o grupo vai distribuir mais de 12 mil livros para 25 bibliotecas e escolas.

— Quando falei que fomos fazer uma Cavalgada do Centenário, meu avô estranhou. De fato, não tinha nada a ver com o perfil dele — diz Carlos. — Afinal, ele só andou de cavalo uma vez na vida, há mais de 70 anos, e o animal disparou e voltou para a cocheira. Então, Oscar sugeriu: “Por que vocês não levam uns livros meus para distribuir no caminho?”.

Ano que vem, cavalgada no Rio

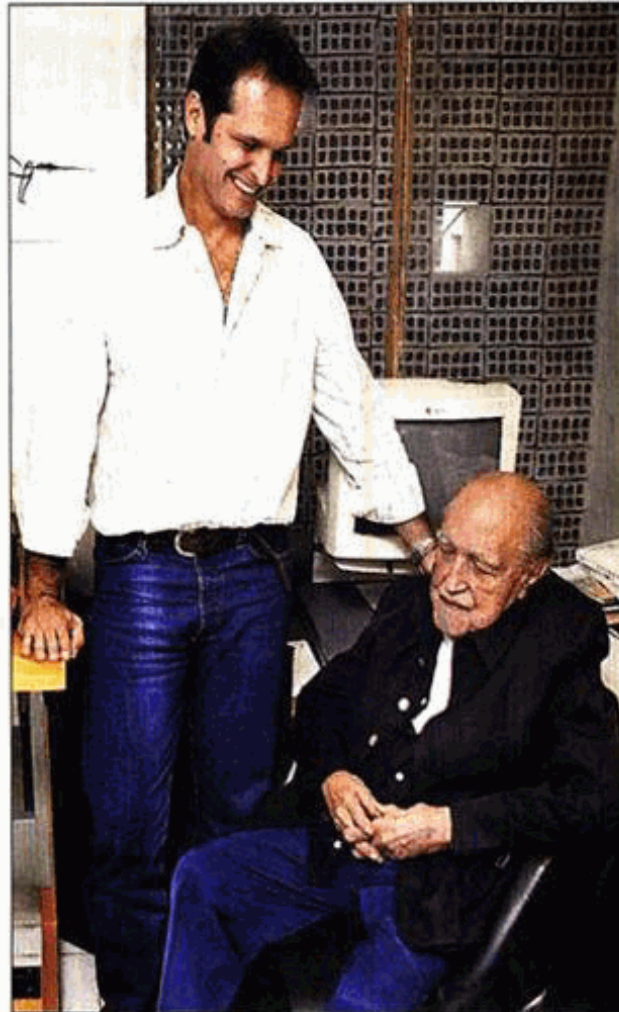
• A idéia ganhou corpo, e Carlos resolveu ampliar a lista de autores. Junto com os cavaleiros, vão 25 cavalos e três caminhões. Um para abrigar as mais de quatro toneladas de livros. Outro para carregar os cavalos reservas. E um terceiro para transportar comidas, barracas e demais equipamentos.

— A idéia é levar livros aonde eles não chegam — explica Carlos, pecuarista que tem uma fazenda em Rio Novo, município ao lado de Goianá. O trajeto termina em Barretos, na Festa do Peão Boiadeiro, cidade que abriga uma arena em forma de ferradura desenhada por Niemeyer. E por que a marcha só cruza Minas e São Paulo, esnobando o Rio?

— Porque no começo era só uma cavalgada, e esse é o menor caminho entre Goianá e Barretos. O governador Sérgio Cabral perguntou a mesma coisa e disse que devíamos fazer aqui ano que vem. Perguntei: “É um convite?”. Ele falou: “É.”

Niemeyer não vai cruzar os dois estados a cavalo, mas, de seu escritório na Avenida Atlântica, explica por que o projeto é a única iniciativa referente ao centenário de que participa:

— A idéia me parece boa, generosa, e, como meu neto está feliz com o resultado, já que serão muitas as doações, isso só pode me agradar. E é um projeto que tem um sentido social e



OSCAR NIEMEYER com o neto Carlos, idealizador da Cavalgada

veram fazer uma edição especial, em homenagem ao centenário de Niemeyer, que faz aniversário dia 15 de dezembro. Com a aprovação do avô, Carlos foi atrás dos livros, doados por editoras como a Ediouro e gente como Paulo Coelho, Chico Buarque e Martinho da Vila. Quem quiser ainda pode doar pelo e-mail <cavalgada100@oscarniemeyer.com.br>.

Niemeyer não tem maiores intimidades com cavalos, mas o assunto se tornou tão presente nas conversas com o neto que ele chega a brincar com o trânsito ruim em dias de Pan:

— Acho que vou ter que arrumar um pônei para voltar do escritório (*em Copacabana*) para casa (*em Ipanema*).

O arquiteto sempre foi um entusiasta dos livros de conteúdo social, mas diz se sentir atraído também por obras só por sua pureza literária. Entre seus autores favoritos estão Manuel Bandeira, o simbolista francês Paul Verlaine e Jorge Luis Borges, “talvez mais o poeta do que o ficcionista”.

Perto de onde o arquiteto dá entrevista está Aurélio Bernardo, de 29 anos. Morador de Realengo, ele se forma ano que vem em arquitetura. Seu estudo é pago por Niemeyer.

— Aurélio é muito modesto, não tinha meios e eu com-

Oscar Niemeyer a galope

cultural inegável — diz ele, ao lado de uma mesa onde repousavam presentes que acabara de ganhar de ex-atletas cubanos: uma caixa de charutos onde se lia "Para Niemeyer de seu amigo Fidel", uma garrafa de rum, um par de luvas de boxe do tricampeão olímpico Teófilo Stevenson e uma maquete de uma mesa que foi palco de reuniões na Revolução Cubana.

A idéia da cavalgada surgiu como uma brincadeira de amigos. Carlos e um grupo de colegas costumam percorrer há 12 anos longas distâncias a cavalo, mas ano passado resol-

binei que pagava a universidade, mas ele tinha que ler um livro de dois em dois meses, para depois conversarmos.

Aurélio achou a "mensalidade" justa. Ele diz que quem seleciona os livros é Niemeyer.

— Acabei de ler "Vidas secas", de Graciliano Ramos. O primeiro da lista foi "A cidade e as serras", de Eça de Queiroz. Antes disso, eu só tinha lido jornais e revistas — conta ele. — Dava sono quando começava a ler livro. Atualmente, acabo de ler um e já fico empolgado para começar outro. ■

CORPO A CORPO**OSCAR NIEMEYER**

Precariedade humana

• O arquiteto concluiu há pouco um livro, que ele espera lançar logo, onde fala da importância de o jovem não se transformar num especialista, e sim estar preparado para ser útil ao mundo "perverso" que o espera. Na entrevista a seguir, ele também faz um elogio à modéstia e diz que o sujeito que pensa que é importante é um débil mental.

O GLOBO: *Que livro é esse que o senhor acaba de terminar?*

OSCAR NIEMEYER: O título é "O ser e a vida". Trata da formação da juventude, da importância da leitura para o seu aprimoramento no sentido de garantir-lhe uma consciência mais ampla do mundo. Lamenta esse desinteresse dos jovens que saem dos cursos superiores pelos problemas da vida, deste mundo tão injusto que vão encontrar pela frente. Fala do jovem que se transforma num especialista e só fala da profissão, sem tempo para pensar o mundo, esse mundo perverso que espera por ele, e que ele deveria estar preparado para ser útil. É bom se interessar por outras coisas fora da profissão. Ele não recebe informações sobre a vida, sobre a posição que deve tomar, de solidariedade, de que os homens podem ser mais fraternais, agir como companheiros, de mãos dadas. Esse é o mundo que a gente deseja, mas como é difícil reagir à burrice geral, ao império Bush.

• *Aos 99 anos, o senhor continua estudando...*

NIEMEYER: Toda terça-feira, há cinco anos, o (físico) Lutz Alberto Oliveira vem falar de filosofia aqui. É muito útil. Ninguém quer ser intelectual, mas a gente fica com uma idéia do planeta, que está lá no fim da galáxia, longe de tudo. Isso dá a você uma idéia melhor da precariedade do ser humano, que é um fodido. Nasce, morre, como outro bicho qualquer, então por isso mesmo ele deve ser mais modesto, não pensar que é importante. O sujeito que pensa que é importante para mim é um débil mental.

• *E esses estudantes de classe média que espancam e roubam?*

NIEMEYER: Acredito que todo mundo tem um lado bom. Lênin já dizia que 10% de qualidades bastavam. Mas, quando nada disso pode ser encontrado, o que fazer?

• *E os cem anos?*

NIEMEYER: Ah, isso é uma besteira, acho uma sacanagem falar desse negócio de cem anos. Faço tudo que fazia com 60 anos. E não estou contando vantagem, não.